

Ainda temos túnel

Em 1993, conseguimos escapar da recessão. Será que, em 1994, lograremos escapar também da inflação? Ainda não. O melhor que se pode pretender, ao longo do ano que vem, é a reversão do processo inflacionário: do auge para o declive, em suaves descartes mensais. Claro, a golpes de ajuste fiscal e de âncora cambial, vestida de URV.

□□□ O desmonte da inflação, no caso brasileiro, exige uma engenharia fora de série. Não basta zerar o déficit público, causa primária do inchaço doentio dos preços. É preciso quebrar a correia de transmissão da inércia inflacionária, vulgo indexação automática de todos os preços, valores e con-

tratos. Ou como diria Pêrsio Arida, em bom econômico: o programa de estabilização, na economia mais indexada do mundo, não dispensa um competente mecanismo de desinercialização do processo inflacionário. De preferência, um desinercializador gradualista e de aplicação não compulsória.

□□□ O desinercializador está praticamente montado: a Unidade Real de Valor. A introdução da URV ainda não tem data marcada. Por uma simples e boa razão: o ajuste fiscal é o fator con-



dicionante, entrando a âncora geral como fator condicionado. Não se deve colocar o carro diante dos bois. Corre-se o risco de acabar com o cruzeiro mas não com a inflação. Haveria inflação em dólar — aquela inflação realimentada pelo desajuste fiscal ainda reinante.

□□□ Se pelo lado da contenção do preço ainda vivemos mais de metas do que de meios, pelo lado da expansão do produto a economia brasileira está, realmente, dando a volta por cima. Por cima dos escombros físicos e sociais da

inflação ainda irreversível.

□□□ Estamos fechando o ano com crescimento acumulado do PIB da ordem nipônica de 4,5%. O setor industrial lidera o processo com expansão média de 12%.

□□□ A recuperação do produto industrial, em 12%, não se faz acompanhar da recuperação do emprego setorial e do salário real na mesma proporção. O emprego cresceu 1,6%. O salário real, na média da indústria paulista, 3,1%. É da própria natureza da recuperação. O emprego reage no segundo tempo da retomada e o salário só no terceiro. Ainda estamos no primeiro.